



## **A DINÂMICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E A PRODUÇÃO DA MULHER VIRTUOSA NO PENTECOSTALISMO EVANGÉLICO**

Pollyanne Rachel Fernandes Maciel

(Universidade Federal de Campina Grande – polly.rachel@gmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo discutir, através da análise dos casos da Assembléia de Deus – um modelo de religiosidade mais tradicional – e da Bola de Neve Church – uma proposta de religiosidade mais recente e alternativa –, em Campina Grande, eventuais processos de reconfiguração e de permanência das relações de gênero nas comunidades de fé pesquisadas, destacando as noções de corporeidade e as representações de gênero que nelas circulam, bem como as práticas disciplinares por elas adotadas, entendendo a submissão imposta às fiéis como uma forma de violência de gênero perpetrada ora por meio da linguagem de gendramento dos gêneros, ora mediante tecnologias de poder que conformam a sujeição e a subjetivação dos sujeitos e dos corpos.

Palavras-chave: Religião pentecostal, Relações de gênero, Dominação de gênero, Corpo.

### **INTRODUÇÃO**

Dos anos 1970 para os anos 2000, muitas coisas mudaram e outras tantas continuaram estagnadas, principalmente, as que dizem respeito à perpetuação dos valores simbólicos que resultam da/na dominação de gênero.

Contudo, nas sociedades capitalistas contemporâneas, as condições objetivas, bem como a contribuição das teorias de gênero em geral e das feministas em particular têm despertado o interesse pela problematização das intersecções e trânsitos entre as categorias corpo, sexo e gênero, mas também entre estas e religião, um também importante marcador social de diferenças. Refletir sobre relações de gênero – relações de poder – e modos de subjetivação, no campo religioso,

nos auxilia na ampliação de noções como resistência e experiência, possibilitando o questionamento dos universalismos, do irredutível e do *natural*, destacando as diferenças e reconhecendo-as como históricas, social e culturalmente constituídas, noções estas que contribuiram para ampliar o campo de estudo das relações de gênero, descobrir novos temas, diversificar criativamente as fontes de pesquisa e aprimorar estratégias de investigação.

Segundo Maria José Rosado Nunes (2005), na tentativa de desconstruir o determinismo biológico, o pensamento feminista encontrou na religião um de seus principais adversários. Conforme a pesquisadora:



As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos. O fundamento dessa visão encontra-se em uma ordem não humana, não histórica, e, portanto, imutável e indiscutível, por tomar a forma de dogmas. Expressões das sociedades nas quais nasceram, as religiões espelham sua ordem de valores, que reproduzem em seu discurso, sob o manto da revelação divina (ROSADO NUNES, 2005, p. 364).

Nas grandes religiões ocidentais cristãs, os vínculos entre religião e gênero foram analisados a partir do final dos anos 1960, por participantes dos movimentos feministas contemporâneos, sobretudo, como destaca Scavone (2008), no âmbito do catolicismo. Nessa conjuntura, o feminismo pós-60 buscou entender a ligação das mulheres com os fenômenos religiosos, a fim de construir uma crítica às injunções da igreja à vida das mulheres.

Os corpos, sobretudo das mulheres, são, na maioria das diferentes igrejas que compõem o cenário cristão, disciplinados e controlados. A ideia de que essa é a *vontade de Deus* leva à naturalização da violência e dificulta a resistência e a denúncia. Objetiva-se, na presente proposta de comunicação, ao recuperar eventuais processos de reconfiguração e de permanência das relações de gênero nas comunidades de fé pesquisadas –

*Assembléia de Deus e Bola de Neve Church* –, destacar as noções de corporeidade e as representações de gênero que nelas circulam, bem como as práticas disciplinares por elas adotadas, entendendo a submissão imposta às fiéis como uma forma de violência de gênero perpetrada ora por meio da linguagem de gendramento dos gêneros, ora mediante tecnologias de poder que conformam a sujeição e a subjetivação dos sujeitos e dos corpos (BUTLER, 1999).

## **METODOLOGIA**

As relações de gênero no espaço da religião levantam inúmeras possibilidades de análise. Nossa perspectiva se baseia na reflexão teórica multidisciplinar, mas particularmente socioantropológica, segundo a qual os gêneros e as relações entre eles são socialmente construídos.

Como toda proposta de pesquisa, esta é apenas um recorte no amplo universo no qual estão inseridas as relações entre religião e gênero. As discussões e análises apresentadas neste artigo são fruto de observações diretas realizadas na igreja BNC e em duas comunidades da AD em Campina Grande - PB, além da análise de documentos oficiais produzidos pelas denominações citadas e de entrevistas semiestruturadas realizadas com fiéis,



percursos metodológicos para elaboração da dissertação intitulada “Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano: comparação entre a *Assembléia de deus* e a *Bola de neve church*, em Campina Grande – PB”<sup>1</sup>.

Escolhemos essas duas denominações pela possibilidade de comparar dois subcampos evangélicos no campo das igrejas de vertentes pentecostais para ver em que medida se diferenciam e se assemelham, segundo as origens histórica e cultural, a estrutura institucional e o grau de acesso das mulheres e homens ao poder eclesiástico. Essa comparação tem contribuído para uma compreensão enriquecedora das diferenciações das configurações das relações e performances de gênero no campo das igrejas de matriz evangélica pentecostal atualmente existentes em nossa sociedade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa cultura sempre moldou o que é ser homem e o que é ser mulher através dos contos que colocam a mulher como o sexo frágil que precisa ser protegida e dominada, enquanto o homem sempre foi visto como o sexo forte, que deve dominar.

<sup>1</sup> Maciel, Pollyanne R. F. *Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano: comparação entre a Assembléia de deus e a Bola de neve church, em Campina Grande – PB*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - UFCG, Campina Grande, 2015. Orientação de Lemuel Dourado Guerra Sobrinho.

Alguns comportamentos são definidos pela cultura como sendo pertencentes a um ou outro sexo, aos quais homem e mulher ‘devem recalcar para serem reconhecidos como homem e mulher’. (NOLASCO, 1995 *Apud* FILHO, 2005, s/p).

Ao falar sobre os modos de produção dessa diferenciação que acaba por se naturalizar na forma de *habitus*, Bourdieu (2009, p. 127) afirma que os sentidos atribuídos ao corpo se revestem dos sentidos forjados na relação de oposição e diferenciação estabelecida na divisão sexual do trabalho.

Com relação ao pentecostalismo, Mafra (2012, p.126) destaca:

Na concepção pentecostal, um percurso de vida percorrido a partir da referência bíblica constituirá um corpo e uma subjetividade de gênero [...]. Sigo aqui uma pista dada por meus interlocutores pentecostais: segundo dizem, um dos primeiros frutos do Espírito Santo é o alcance de uma identidade feminina e masculina plenas.

Esse qualificativo empregado por Mafra em relação à identidade de gênero masculinas e femininas leva-nos a questionar o que é, em cada sociedade inclusiva, grupo religioso, isso ponderado na linha do tempo, considerado o *feminino* e o *masculino plenos*. Saffioti (1992, p.188) ressalta o papel fundamental das *instituições de poder* em legitimar os



estereótipos sexuais: “o papel das doutrinas religiosas, educativas e jurídicas, sempre foi o de afirmar o sentido do masculino e do feminino, construído no interior das relações de poder”.

Ao identificar como vontade divina uma "vocação específica" para as mulheres: o cuidado com a família, a lógica social da ideologia dominante assumida pelas instituições religiosas reforça a noção de "ordem eterna da natureza" (HUBBARD, 1999). Nesse sentido, o entrelaçamento das categorias sociais (gênero, idade, classe, raça e estado civil) permite evidenciar os diferentes modos de subjetivação e de sujeição a que as mulheres em geral e particularmente as pentecostais têm estado historicamente submetidas (BANDINI, 2008).

Nas grandes religiões institucionalizadas, as lideranças femininas acabam sempre marginalizadas, reforçando a tradicional imagem de mulher submissa à autoridade religiosa representada pela figura masculina. Essa marginalização envolve espaços de liderança, acesso à formação e as relações hierárquicas nas estruturas institucionais. No caso do catolicismo, as ordens femininas são suprimidas do ofício sacramental e de todas as instâncias de decisão da Igreja, estando ligadas mais a obra social. No protestantismo, a condição inferior

imposta à mulher está relacionada sobretudo ao exercício ministerial, hegemonicamente masculino (MACIEL & SILVA, 2012). Essa “inferioridade”, afirma Bourdieu (2011), é construída por um processo social que naturalizou-se e está arraigada em diferentes setores da sociedade, revelando-se, principalmente, nas estruturas das Igrejas.

A maioria das igrejas cristãs, além de constituírem pilares sobre o qual se assenta a relação androcêntrica entre os sexos, inculca em seus membros a ideia de que submissão feminina ao homem é algo natural e necessária, adotando uma moral familiarista marcadamente dominada pelos valores patriarcais e fundamentada pelo dogma da inata inferioridade das mulheres (Cf. BOURDIEU, 2011).

A presença da mulher nas igrejas cristãs é maciçamente majoritária, mas em nível de deliberação e decisão tudo ainda está quase que totalmente concentrado nas mãos dos homens. Ainda que algumas denominações evangélicas comecem a revisar certas interdições, as funções e os cargos de liderança associados a habilidades *inerentemente* femininas, tais como a direção de escola bíblica dominical, organização de grupos de oração, cuidado das crianças e adolescentes, organização e decoração de



interiores e atividades de menor visibilidade são comumente atribuídos às mulheres. De modo geral, a situação da mulher dentro da Igreja ainda é, muitas vezes, a de *mão-de-obra barata e eficiente*.

As mulheres aprendem, nesses espaços, a ser *femininas* e *submissas*, e são controladas nisto, embora também negociem espaços de liderança e exerçam sobre os homens vigilância e poder ao cobrarem nas definições de *masculinidade* o que lhes é favorável. Segundo Amussen (1985, p.271), “um sistema de divisão sexual de papéis muda lentamente, por deslizamentos de sentido graduais. E isso diz respeito às mulheres e aos homens. Eles aprendem a ser dominadores e ativos e elas, a serem submissas”, mas também dominarem, em certos campos e mesmo na distribuição geral de capital religioso – é nesse contexto que emerge a discussão sobre o ministério feminino.

Apesar das mudanças no mundo do trabalho e o gradual aumento da presença feminina em quase todas as áreas da vida pública, que leva a cultura a assimilar, mesmo que lentamente, novos padrões de socialização de gênero, as características essencialistas de feminilidade e de masculinidade são propagadas nos discursos religiosos da AD e da BNC. Noções de masculinidade atreladas à ideia de força, liderança e a de

feminilidade à sensibilidade, fragilidade ainda predominam, embora possam despertar questionamentos.

Para Mafra (s/d), o conservadorismo evangélico “corresponde a uma posição social *sui generis*: seu *ethos* e noções de homem e mulher alimentam-se em grande medida da continuidade à concepção íbero-americana e ao código de honra”. Para ela, apesar da existência de um *ethos* comum aos evangélicos, certo grau de generalidade no tocante à contraposição destes com outros segmentos sociais formuladores das concepções de gênero alternativas e competitivas, o modo como as relações sociais se estabilizam em cada rede de organização eclesial faz a diferença nas concepções de gênero. Assim, as relações de poder e as construções de gênero têm uma estreita afinidade neste segmento social, em forte medida, com a vida coletiva e com o estilo eclesial.

Nas comunidades da AD e da BNC pesquisadas em Campina Grande, ainda predomina um sistema de definição de gêneros que classifica e hierarquiza, de modo a favorecer o exercício do poder ao homem. Os fiéis apresentam em seus discursos representações de gênero produzidas nas relações que ocorrem cotidianamente na igreja e no lar. Apesar



de reconhecermos que os indivíduos exercem uma certa negociação na absorção do que é ensinado hegemonicamente, destacamos que ao se converterem eles interiorizam gradativamente sistemas de significação transmitidos pela liderança eclesial, mantendo ou assumindo um novo modo de conceber e experimentar as relações de gênero.

### *A dinâmica das relações de gênero na Assembléia de Deus e na Bola de Neve Church*

Ainda hoje, a AD é considerada, como uma das mais tradicionais e sexistas denominações evangélicas, principalmente no que se refere à aparência e comportamento dos seus fiéis. Mulheres e homens assembleianos sofrem, por exemplo, uma série de restrições indumentárias e comportamentais, sobretudo as mulheres.

A BNC, por sua vez, adota uma liturgia informal, estilo inusitado de pregação e louvores, distinguindo-se em muito dos cultos da AD. Utiliza-se um discurso coloquializado, modernizado, adaptado ao seu público<sup>2</sup>, promovendo, também, uma aparente flexibilização do discurso religioso, consequência “da organização denominacional e das atividades e estratégias evangelísticas

<sup>2</sup> O público-alvo da BNC é constituído, de modo geral, por jovens, desportistas, universitários e/ou pessoas que se encontravam “desigrejadas” ou “insatisfeitas” com a denominação religiosa a qual pertenciam (MARANHÃO Fº, 2012, p. 86).

implementadas por suas lideranças eclesial (MARIANO, 2001, p.10). Com o intuito de recrutar novos membros, os pastores, à primeira vista, procuram apresentar a imagem de liberalidade e divulgar a ideia de que se opõem aos dogmas religiosos tradicionalmente associados ao *evangelicalismo*, o que na prática, não se confirma.

Ambas as comunidades de fé pesquisadas utilizam a mesma base bíblica para justificar a definição dos papéis e funções de gênero e lugares institucionais. Para legitimá-los, inclusive o silenciamento – frequentemente violento – das mulheres, textos *sagrados* são invocados, evocando a sua pretensa inferioridade em relações ao homem, inferioridade essa estabelecida pela própria *criação*, portanto *natural*, já que não pode ser *o corpo* – a mulher – a comandar a *cabeça* – o homem. O que está em causa é a hierarquização, inspirada na primeira carta de Paulo aos Coríntios<sup>3</sup> onde se diz: “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo”. Esta máxima contribuiu decisivamente para uma visão da mulher como subalterna e submissa aos homens.

De um modo geral, a opinião dos entrevistados da AD e da BNC, homens e



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulheres, é a de concordância com a ideia de que “o homem é o cabeça da sua esposa e o pastor é o cabeça da igreja” (Assembleiana, 27 anos, solteira, ensino superior completo).

Esta cosmovisão empurrou a maioria das mulheres para o domínio do privado, do lar, e para os papéis sociais relacionados com ele. Em níveis de deliberação e decisão, a maior parte dos postos de poder está quase que totalmente concentrado nas mãos dos homens.

Assim, nas denominações pentecostais tradicionais, como a AD, o princípio Paulino, sem grandes atualizações, marca profundamente as relações de gênero. De acordo com seus líderes,

*“[...]Deus disse que o homem é cabeça, então se ele é cabeça, Deus o capacitou para ser cabeça. Deus disse que a mulher é ajudadora, então Deus a capacitou para ser ajudadora”* (Pastor da AD, 68 anos, casado, ensino superior completo).

O conjunto dos entrevistados pactua e insere essa máxima em suas falas, inclusive os membros da BNC, como podemos observar nas falas a seguir:

*“O homem é o cabeça da mulher. Na igreja e no lar ele vai tentar guiar. Por exemplo, no lar ele é o responsável para tentar guiar a família, proteger, no caso, não que a mulher não precise trabalhar, mas o principal provedor da casa é o homem. Ele que tem que ensinar os filhos, né? É mais direcionado para os*

*homens. A mulher ajuda em toda essa função, mas a questão de liderar mesmo, de direcionar, guiar, de proteger, ela é especificamente do homem. Também na igreja, a questão de ensinar, de aconselhar, de tomar decisões [...]”* (Assembleiana, 27 anos, solteira, ensino superior completo).

*“Eu acho que a mulher pode estar em qualquer função, contanto que ela esteja debaixo dessa cobertura do homem, que eu falei há pouco. Justamente porque é um princípio de Deus. Não é algo de homens. Não pelo homem ser melhor ou maior, mas porque eu entendo que aquilo que Deus faz as vezes eu não entendo, mas é perfeito. Então eu não tenho dificuldade de aceitar isso não. Entendeu? Eu não me sinto menor, menos capaz. Na verdade, eu gosto de saber que eu vou estar debaixo da cobertura de um homem, porque isso é, até de certa forma, uma proteção. E até a Palavra fala que o homem vai ser cobrado, com relação a essa responsabilidade que ele tem. Os dois têm responsabilidade só que são responsabilidades diferentes, só isso”* (BNC, solteira, 28 anos, ensino superior completo).

*A gente é guiado pela Bíblia e a Bíblia diz que o homem é o cabeça. Então, a decisão final quem toma seria o homem, no caso. Mas a mulher tem espaço para dar opiniões”* (BNC, 20 anos, solteira, superior incompleto).

Na igreja, o papel da mulher é destacado pelos entrevistados como sendo de *coluna* e de *auxiliadora*.

*“O papel de coluna. Ela é a coluna de toda a igreja, né? A gente tem um pastor, que é o cabeça de tudo, mas a mulher, todas as mulheres daqui*



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

*da igreja, elas são as colunas. Elas são preparadas para fortalecer, pra segurar a onda, pra ajudar no que for preciso. [...] se ela é uma coluna, tem que ter uma cabeça”* (BNC, casado, 31 anos, ensino médio completo).

*“Creio que seria coluna na igreja. Ela dá força ao homem, ajuda o homem”* (BNC, 20 anos, solteira, superior incompleto).

*“A mulher tem o papel de auxiliar, de ser sábia e de conseguir equilibrar as coisas. Eu creio que esse é o papel da mulher na igreja. [...]A mulher é quem mais se encaixa nesse perfil. Então creio que Deus fez as funções dessa forma para que a coisa acontecesse”* (BNC, 19 anos, solteiro, ensino médio completo).

A pressuposição da assimetria na divisão das tarefas é um dos lemas da concepção familiar hierárquica tradicional. Nas denominações pentecostais tradicionais, como a AD, ou mesmo nas denominações neopentecostais mais recentes, como a BNC, as mulheres são, na maior parte dos casos, as responsáveis pela limpeza, decoração e *arrumação* dos espaços/templos, confirmando a extensão do trabalho doméstico no trabalho religioso. Como destaca um membro da BNC, *“as mulheres, elas exercem cargos quase que iguais aos dos homens. Não igual, porque não seria bíblico, né?”* (31 anos, casado, ensino médio completo).

A BNC (re)afirma a hierarquia entre os sexos, sendo forte sua identificação com algumas

posições conservadoras, uma vez que sustenta um dogma religioso que afirma o conservadorismo nas relações de gênero, apesar da aparente flexibilização dos costumes.

Trata-se de uma instituição que contribui para difundir os aspectos centrais das relações de gênero e da importância do casamento. Os cristãos da BNC reproduzem os padrões de beleza, o culto ao corpo perfeito e a ideologia da eterna juventude em vigor na sociedade contemporânea e rompem parcialmente com o perfil padronizado do crente tradicional, em busca por novos estilos de vida e novas aparências, que os distanciem das denominações pentecostais, como a AD. Contudo, à imagem de igreja espontânea e pouco tradicional, opõe-se a permanência de relações de gênero de caráter tradicionalista. Não é uma organização religiosa imune à modernidade, nem é absolutamente contrária aos costumes, tradições e prescrições de gênero. Essa ambiguidade, portanto, caracteriza as práticas cotidianas, as discussões teológicas e o sistema doutrinário da instituição eclesiástica.

A BNC, portanto, apresenta um perfil mais próximo ao *ethos* evangélico composto por um junção entre noções hierárquicas e igualitárias, oferecendo uma



espécie de *continuidade-reformulada*. Nesta denominação, abre-se um espaço maior para a constituição ativa das mulheres do que nas ADs, mas continua se afirmando o homem como cabeça da família e da vida congregacional.

A AD se mostra contrária aos segmentos sociais formuladores das concepções de gênero alternativas e competitivas. Já a BNC parece tentar acomodar-se à sociedade mais ampla – ou a setores desta – e, simultaneamente, às posturas tradicionais e conservadoras.

Na Paraíba, as ADs não promovem mulheres ao ministério pastoral, diaconato e demais cargos da instituição, definindo esses lugares como destinados estritamente aos homens, permanece firme na sua decisão de vetar às mulheres os espaços definidores das crenças e política pastorais e organizacionais da instituição. Como acontece desde sua origem, as mulheres desta denominação têm uma atuação fundamental em termos práticos, porém secundarizada em termos da ocupação dos cargos acima citados.

A BNC relativiza, em parte, essa interdição ao permitir que as mulheres ocupem cargos de destaque e liderança, como o ministerial pastoral, mas de forma relativa, uma vez que este está atrelado ao ministério pastoral do marido.

A pastora exerce, portanto, a função de auxiliar, de *ajudadora* do ministério do pastor, seu *cabeça*. O *ministério de casais* segue a mesma lógica do homem – esposo, pastor – enquanto cabeça da esposa e da congregação e da mulher submissa e auxiliadora. Os discursos, entretanto, são marcados por uma dubiedade entre proatividade e submissão. Entretanto, o marido-pastor é o líder, como demonstrado nesta fala: “*Os dois trabalhando juntos. [...] só que ela não é a pastora mor, né? Realmente ela está debaixo dele*” (BNC, solteira, 28 anos, ensino superior completo).

Não apenas a liderança masculina, mas a feminina também transmite e perpetua saberes que impedem as fiéis de sua igreja questionamentos sobre a dominação masculina no lar, na igreja e fora dela. Assim, termos como *cooperadora*, *ajudadora* e *auxiliadora* estão sempre presentes no discurso dos sujeitos pesquisados. Dessa forma, a imagem que a mulher religiosa faz de si própria e das outras mulheres fiéis, revelada em suas falas, convergem para um papel de figurante do protagonista homem no plano eclesial coletivo. Configurando justamente as condições de ocultamento do poder e de suas *verdades*, o que vem caracterizar, em termos bourdieusianos



(BOURDIEU, 2007) a produção da violência simbólica manifestada na construção do consentimento e da devoção dos próprios sujeitos com as condições de sua dominação.

É importante observar as diferenças sexuais enquanto construções culturais, linguísticas e históricas, que incluem relações de poder não localizadas exclusivamente num ponto fixo – o masculino –, mas presentes na trama política; bem como investigar os discursos e as práticas que garantem o consentimento feminino às representações dominantes e naturalizadas da diferença, o que não excluiria que a incorporação da dominação às variações, manipulações, táticas, recusas e rejeições por parte das mulheres, complexificam as relações de dominação (MATOS, 2002, p.249).

Apesar das diferenças, ambas as denominações preservam o androcentrismo. Assim, reconhecer as mudanças em curso não contradiz a aceitação de que tanto na AD quanto na BNC os modelos idealizados de gênero no qual os papéis de gênero estão sedimentados, colocando a mulher como dependente e submissa ao homem, permanecem. O discurso religioso de ambas sacraliza a dominação de gênero.

### *A produção da mulher virtuosa*

A conversão e o pertencimento a uma comunidade de fé pentecostal é também um processo contínuo de transformação do corpo feminino em um *corpo virtuoso*. Trata-se de naturalizar no corpo o conceito de *mulher virtuosa*. O corpo é o principal instrumento a ser educado. A docilidade deste é o caminho para se aprender a ser mulher e, assim, garantir que a família *prosper*.

Seja nos cultos e eventos de mulheres na BNC, ou escola dominical, reuniões de mulheres da AD – *reuniões ortopédicas*, os arquétipos da mulher cristã *virtuosa* estão sempre presentes, seja nas exortações, *sites* ou materiais. Na BNC, em um dos cultos para mulheres que observamos, a ministrante destacou de forma negativa o comportamento *instável* ou de *vitimização* que alguma mulheres esboçam no cotidiano *intra* e *extra* congregação, inclusive cita os dois conhecidos modelos de mulheres: Maria e o de Eva, em que a primeira seria um exemplo de equilíbrio e virtude e a segunda, desequilíbrio e falta de sabedoria.

Em um dos *Chá das Mulheres*<sup>4</sup>, a pastora de uma das comunidades da BNC de Natal, convidada para a ocasião, ao ilustrar sobre *como ser um mulher virtuosa*, distingue dois tipos de mulheres:

<sup>4</sup> Evento anual destinado às fiéis da igreja e convidadas com o objetivo de *pregar a palavra* e discutir assuntos *femininos*, realizado em 27 de setembro de 2014.



a rixosa<sup>5</sup> e a virtuosa<sup>6</sup>, ensinando as mulheres presentes a serem calmas, pacientes – inclusive e principalmente com os maridos –, dedicadas ao lar e as demais *funções da mulher*, além de terem força para enfrentar os problemas domésticos, do trabalho *etc.* Nos discursos começam a aparecer a definição de atuação feminina no *trabalho*, para além da *casa*, indicando uma agregação.

Como assinala Silva (2006, p.23), “na linguagem dos discursos com mensagens fundamentalistas e voltados para as mulheres, o jogo de palavras que varia entre doçura, mansidão, submissão, poder, força, realização”, conforme constatamos e pode ser exemplificado pela fala: “*A mulher tem muito poder sobre o homem e, muitas vezes, esquece que o sacerdócio é do marido*” (Diaconisa da BNC, ao *ministrar* em um dos *Cultos das Mulheres*).

Ao contrário da mulher rixosa – tipo de mulher que o rei Salomão considerava como “terror da vida” – a mulher virtuosa tem como qualidade a generosidade. Deve ser boa esposa, boa mãe e boa dona de casa – a *rainha do lar*, tendo a tarefa de *edificar a sua casa*. Assim, além da passagem bíblica acima discutida, uma outra é também bastante referenciada, seja nas falas dos

entrevistados, nas ministrações ou nos *sites* e materiais das comunidades pesquisadas. A saber: “[...] toda mulher sábia edifica sua casa; a insensata, porém, derruba-a com as próprias mãos”<sup>7</sup>. A utilização recorrente dessas passagens apontam para o padrão tradicional de relações de gênero.

À mulher sempre se atribuiu a esfera privada – o lar –, tendo como função “natural” o cuidado e a educação dos filhos. Conforme destacado por Arán (2010), ainda tem sentido falar de sexo masculino e feminino, uma vez que são normas de gênero fortemente incorporadas. Entretanto, não são fixas, ou seja, não são nem uma substância no sentido biológico do termo, nem mesmo posições sexuais permanentes. Por isso a constante vigilância e controle religioso.

Para Judith Butler (2009), as normas que governam a identidade inteligível são estruturadas a partir de uma matriz que estabelece a um só tempo uma hierarquia entre masculino e feminino e uma heterossexualidade compulsória. Neste sentido, o gênero não seria nem a expressão de uma essência interna, nem mesmo um simples artefato de uma construção social, mas sim o resultado de repetições constitutivas que impõem efeitos substancializantes, ou seja, o gênero é ele próprio uma norma. Uma identidade

<sup>5</sup> Descrita em Provérbios 21.9; 25.24 e 27.15.

<sup>6</sup> Descrita em Provérbios 31. 10-11.

<sup>7</sup> Ver: Provérbios, capítulo 14, versículo 1.



atenuamente construída através do tempo por meio de uma repetição incorporada através de gestos, movimentos e estilos.

O discurso religioso transforma as características desejáveis em *normais* e *naturais*. Os sujeitos, tornados genéricos, homogêneos e enquadrados ao padrão da normalização social, tendem a se adaptar e interiorizar o código de crenças sobre si, tornando-o uma espécie de segunda natureza<sup>8</sup>.

As assembleianas estão expostas a uma série de restrições e normas comportamentais, seja de usos ou costumes. A BNC é menos *rigorosa* quanto à aparência e vestimenta feminina, em comparação com a AD. Nela circula uma espécie de *ideologia da beleza*, em que o desejável, e mesmo ensinado, é a ideia de que as mulheres devem ser vaidosas e *estar sempre bonitas, cheirosas e apresentáveis para seus maridos*. Contudo, existe um limite nos padrões do que é *certo/virtuoso/errado/pecado* e a BNC também as controla neste sentido, conforme trecho da fala abaixo citada:

<sup>8</sup> De acordo com Bourdieu (2001, p.189), as *disposições* refletem o exercício da faculdade de ser condicionável, como capacidade natural de adquirir capacidades não-naturais, arbitrárias. São adquiridas pela interiorização das estruturas sociais. Portadoras da história individual e coletiva, são de tal forma internalizadas que chegamos a ignorar que existem. São as rotinas corporais e mentais inconscientes, que nos permitem agir sem pensar. O produto de uma aprendizagem, de um processo do qual já não temos mais consciência e que se expressa por uma atitude “natural” de conduzir-se em um determinado meio.

“você vai chegar aqui e provavelmente você vai ver em alguns momentos alguém com uma roupa que não tem muito a ver, mas provavelmente essa pessoa não é daqui, tá visitando, ou é alguém que é recém convertido. Pode ser uma ovelhinha rebelde também, mas em geral não é não” (BNC, solteira, 28 anos, ensino superior completo).

Observa-se a atuação das *neoconvertidas* para percebermos como esta questão é um fator de destaque na constituição de uma nova identidade coletiva, tornando-se um importante elemento do processo de conversão.

Em um culto destinado às mulheres, a ministrante, em sua fala sobre, dentre outras coisas, formas de se vestir que “agradam a Deus”, fez uma comparação entre as mulheres da BNC e da AD, destacando suas distinções em termos de estética e indumentária: “As roupas dizem muito sobre você. [...] Saia e coque lembram a mulher da Assembléia de Deus, estilo e tatoo [tatuagem], mulher da Bola”. Seus membros rejeitam o estigma e o rótulo do fiel da igreja pentecostal, considerado ultrapassado e anacrônico. Eles renunciam à aparência tradicionalmente estereotipada do evangélico, exibem nova imagem estética e novos hábitos comportamentais, buscando, em parte, assemelhar-se àqueles que não estão vinculados a nenhuma congregação evangélica. Contudo, a liderança da BNC empenha-se em coibir o considerado



*vulgar*, além de coisas como o sexo antes do casamento e as relações extraconjugais, preconizando a virgindade e o casamento monogâmico e heterossexual. Embora a congregação pareça liberal e flexível, no cotidiano das relações institucionais ela utiliza vários mecanismos de censura e resgata códigos tradicionais de controle das relações de gênero e da sexualidade.

## CONCLUSÕES

A pesquisa comparativa entre duas denominações pentecostais diferentes confirmou a hipótese de que as igrejas pentecostais de tendência mais tradicional – aqui representadas pela Assembléia de Deus – são mais apegadas ao modelo tradicional de gênero e resistente tanto à participação feminina na estrutura eclesial da congregação, quanto ao modelo familiar mais afinado com os padrões modernizantes – e em certa medida, mais igualitários – das sociedades urbanas. De forma geral, percebe-se uma postura um pouco mais flexível no tocante às questões de gênero por parte da igreja Bola de Neve Church, muito embora persista nesta um discurso conservador sobre os papéis de homens e mulheres. A perpetuação das estruturas tradicionais de gênero e da divisão sexual convive de modo aparentemente tranquilo com uma suposta liberação dos *usos e costumes*.

Nas comunidades religiosas pesquisadas, o poder da tradição ainda é forte e as relações de gênero ainda se apresentam desiguais. A AD apresenta ainda forte resistência à modernização dos costumes, persistindo práticas eclesiásticas centralizadoras por parte de sua liderança – masculina. Esse posicionamento a distancia da BNC, que renuncia à aparência estereotipada do evangélico, adotando nova imagem estética e novos hábitos comportamentais. Contudo, apesar da flexibilização de alguns costumes e da liberalização do padrão estético dos fiéis, mantém a argumentação central da dominação de gênero. Assim, a BNC assume uma postura mais flexível quando comparada à AD, mas ainda conservadora quando o assunto é papéis e funções de gênero, poder e lugares eclesiais. O discurso eclesiástico que normatiza e regula as relações de gênero é transparente, direto e assertivo. Este sistema de regulamentação encontra-se claramente definido e é transmitido aos fiéis através de uma linguagem informal e divertida, porém repetindo as argumentações paulinas, como o observado na AD. Ambas as comunidades de fé utilizam a mesma base bíblica para justificar a definição dos papéis e funções de gênero e lugares institucionais em especial da relação entre



homens e mulheres – o princípio do homem enquanto *cabeça da família* e condutor da vida eclesial.

Nossa interpretação é a de que os padrões tradicionais de gênero, tão perceptíveis na AD, não foram totalmente revistos na BNC, tendo em vista que as entrevistas realizadas, bem como a observação direta dos cultos e atividades religiosas e análise dos *sites* da denominação, não revelam uma concepção significativamente diferenciada em relação às concepções de gênero observadas como hegemônicas na AD.

Reafirmamos a visão de que o campo pentecostal se constituiu marcado em termos de modelos androcêntricos de relações de gênero, perpetuando-os e conservando, pelo menos na maioria das denominações do referido campo, a defesa da distribuição desigual de poder entre homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS

ARÁN, Márcia. O gênero como norma e fonte de subversão e resistência. Entrevista. *Instituto Humanitas Unisinos On-Line*, setembro de 2010. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/36228-o-genero-como-norma-e-fonte-de-subversao-e-resistencia-entrevista-especial-com-marcia-aran>>. Acesso em: 4 de ago. 2015.

AMUSSEN, Susan Dwyer. Féminin/Masculin: le genre dans

l'Angleterre de l'époque moderne. *Annales ESC*. Paris, vol. 40, n° 2, mar./apr., 1985.

BANDINI, Claudirene. A. *Costurando certo por linhas tortas: um estudo das práticas femininas no interior das convenções sociais*. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz, 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Dominação Masculina*. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. *Subjects of desire: Hegelian reflections on twentieth-century France*. New York: Columbia University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

FILHO, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*. n. 24 Campinas Jan./June 2005. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000100007&script=sci\\_arttext#nota35](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000100007&script=sci_arttext#nota35)>. Acesso em: 25 jul. de 2015.

MACIEL, Pollyanne R. F.; SILVA, Magnólia. G.C. A consagração feminina nas igrejas cristãs: uma comparação entre as igrejas católica e evangélica. In: *IX Congresso de Iniciação Científica da UFCG*, Campina Grande, 2012.

MAFRA, Clara. O percurso de vida que faz o gênero: reflexões antropológicas a partir de etnografias desenvolvidas com pentecostais no Brasil e em Moçambique. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(2): 124-148, 2012.

\_\_\_\_\_. *Mana*. vol.2 n.2. Rio de Janeiro: Out. 1996. Disponível em:



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

<<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200013>>. Acesso em: Set. de 2014.

MARANHÃO Fº, Eduardo M. A. “Nós somos a dobradiça da porta”: notas preliminares sobre as mulheres na Bola de Neve Church. *Mandrágora*, v.18. n. 18, p. 81-106, 2012.

MARIANO, Ricardo. *Análise Sociológica do Crescimento Pentecostal no Brasil. Tese de Doutorado em Sociologia*. Universidade de São Paulo, 2001.

MATOS, Maria Izilda S. de. Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas. *Margem*, São Paulo, 2002, n.15, pp. 257-252.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma crítica à análise de gênero. In: *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.de O., BRUSCHINI, C. (orgs.) *Uma questão de*

*gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. pp.183-215.

SILVA, Eliane Moura da. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte (Org.) *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p.11-27.